



A Teologia Prática frente aos desafios da religião na globalização: uma teologia numa atitude de busca pela relevância¹

Practical Theology Facing the Challenges of Religion in Globalization: for a theology in an attitude of search for relevance

Tiago Quinot²

Júlio César Adam³

Resumo: O fenômeno da globalização é estudado por diferentes pesquisadores e pesquisadoras que procuram entender seus impactos nos diferentes âmbitos: na sociedade, na economia, na cultura e na religião. O presente artigo busca apresentar os impactos da globalização na religião e como a Teologia Prática se torna uma disciplina importante e essencial para o debate atual nos centros acadêmicos e nas instituições. Através de uma pesquisa bibliográfica, procura-se expor as ideias de diferentes pesquisadores sobre os impactos sofridos pela religião na contemporaneidade. Diante de tendências multidisciplinares e da leitura da práxis religiosa, percebe-se na Teologia Prática aquela que mais se depara com esses desafios e, portanto, necessita das ferramentas necessárias para realizar sua tarefa. Para isso, ela pode fazer uso de sua capacidade de diálogo com outras áreas do saber, assim como da hermenêutica da religião vivida. Constata-se a importância da Teologia Prática para o constante diálogo com o cotidiano, com os novos desafios impostos pela globalização, e como ela é essencial para a relevância da própria Teologia.

Palavras-chave: Globalização; Teologia Prática; Religião vivida.

Abstract: The phenomenon of globalization is studied by different researchers who seek to understand its impacts in various areas: life, society, economy, culture, and religion. This article seeks to present the impacts of globalization on religion and how Practical Theology becomes an important and essential discipline for the updated debate in academic centers and institutions. Thus, through bibliographical research, we aim to expose the ideas of different researchers regarding the impacts suffered by religion in contemporary times. Faced with multidisciplinary trends and a reading of religious praxis, Practical Theology is perceived as the one that most confronts these challenges and, therefore, requires the necessary tools to carry out its task. For this, it can make use of its ability to dialogue with other areas of knowledge, as well as the hermeneutics of lived religion. The importance of Practical Theology is confirmed for the constant dialogue with everyday life, with the new challenges imposed by globalization, and how it is essential for the relevance of Theology itself.

Keywords: Globalization; Practical Theology; Lived religion.

¹ Este artigo foi recebido em 30 de abril de 2024 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme a política editorial, sendo aprovado para publicação em 22 de novembro de 2024.

² Mestre em Teologia. Faculdades EST. E-mail: tiagojdquinot@gmail.com

³ Doutor em Teologia. Faculdades EST. E-mail: julio3@est.edu.br



Introdução

O presente artigo questiona como a globalização e seus impactos na religião desafiam a Teologia Prática e quais alternativas essa área do saber teológico possui para responder com legitimidade à contemporaneidade. Para isso, foi realizada uma pesquisa do tipo bibliográfica com a intenção de elucidar tanto os conceitos fundamentais quanto algumas alternativas apresentadas por autores da área de Teologia Prática.

Deste modo, de forma introdutória, o artigo apresenta os impactos da globalização na religião e, como consequência, a necessidade de uma resposta também por parte das formas tradicionais de religiosidade, que seja diferente do fechamento em suas verdades, o que resulta nos fundamentalismos.

Em um segundo momento, partindo para a perspectiva teológica, será necessária uma aproximação ao conceito de Teologia Prática, afinal, esta é a área que se ocupa com a práxis religiosa e frequentemente se depara com os desafios impostos pela contemporaneidade ao fazer teológico. Para cumprir sua finalidade, perceber-se-á sua característica de abertura ao diálogo interdisciplinar, mas, além disso, a necessidade de repensar a própria forma como ela lê os aspectos religiosos no cotidiano. Para isso, além de um consenso amplo de religião, também a hermenêutica da religião vivida surge como uma alternativa importante para responder aos desafios impostos pela globalização à teologia.

É importante destacar que a globalização é um conceito muito amplo, e a tendência é que um artigo breve apenas consiga tematizar o fenômeno de forma genérica e, por vezes, omitindo a grande variedade de especificidades que contemplam o tema. Ao mesmo tempo, são muitos os estudos que apresentam as consequências da globalização e as mazelas que dela decorrem. Nesse sentido, este artigo reconhece a problemática e também a possibilidade de abordagens mais específicas, como, por exemplo, através dos estudos decoloniais. Porém, essa não é sua intencionalidade devido às necessidades de delimitação.

Sociedade e mundo globalizados: múltiplas compreensões

Não existe apenas um conceito ou abordagem em relação à globalização. Como fruto de seu tempo pós-moderno, marcado pela fragmentação e descontinuidade, não há unanimidade quanto



ao tema. É isso que nos afirma Alberto da Silva Moreira, em seu artigo intitulado "O futuro da religião no mundo globalizado: painel de um debate".⁴ Contudo, para Bauman, a globalização "é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira", por isso ele afirma que todos nós estamos "sendo globalizados".⁵

Primeiro, é importante ressaltar que, além de não existir uma única perspectiva de abordagem, a globalização não é um conceito acabado em si mesmo. De acordo com Krotz, a globalização faz parte de um conjunto de processos como midiatização, racionalização, urbanização, individualização e secularização, que são entendidos como metaprocessos, isto é, procuram explicar e descrever teoricamente elementos fundamentais em relação a mudanças sociais, culturais e econômicas. Contudo, são processos que não estão restritos a determinadas culturas ou regiões e também nos impossibilitam uma determinação precisa de começo ou de fim. Por isso, podem levar séculos ou nem mesmo podem ser dados como concluídos.⁶ A própria análise dos conceitos não é algo imutável. Krotz traz como exemplo a globalização como uma categoria que originalmente restringia-se ao desenvolvimento dos mercados financeiros globais, mas hoje é usada de forma ampla para caracterizar o mercado econômico, político e mudanças culturais.⁷

É justamente essa amplitude de compreensões que é exposta por Moreira, que nos apresenta quatro compreensões de globalização. A primeira engloba a noção econômica do termo. Desse modo, a globalização é descrita como um sistema mundial que possui um motor, o capitalismo. Esse modelo econômico é marcado pela competição do mercado que se globalizou. Aqui, a globalização significa "produção, distribuição e consumo de bens e serviços, organizados a partir de uma estratégia mundial e voltada para o mercado mundial".⁸ Além disso, é um processo de "transformação de uma formação social, uma *great transformation* no final do século XX", sustentada em três fatores: o grande uso de energia fóssil, as mudanças nas formas de trabalho e a exploração

⁴ MOREIRA, Alberto da Silva. O Futuro da Religião no Mundo Globalizado: Painel de um Debate. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias. (Org.) *O Futuro da Religião na Sociedade Global*. Uma Perspectiva Multicultural. Goiânia: Paulinas/UCG, 2008, p. 17 - 18.

⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Globalização*. As consequências humanas. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1998.

⁶ KROTZ, Friederich. *The Metaprocess "Mediatization" as a conceptual Frame*. Global Media and Communication 3, 2007, p. 256 – 260.

⁷ KROTZ, 2007, p. 257.

⁸ MOREIRA, 2008, p. 18.



desmedida da natureza.⁹ Esse processo econômico em escala global ultrapassa as barreiras das fronteiras nacionais e, de acordo com Martino, o fluxo de troca, de consumo e do capital "articulam-se, nem sempre de maneira tranquila, com culturas locais, criam novos hábitos e impõem uma lógica da racionalidade ocidental a todos os pontos em que for possível chegar."¹⁰

A segunda perspectiva em relação à compreensão da globalização tem o foco na dimensão política do termo. Deste ponto, emerge a problemática da fragmentação da política mundial, em que o estado deixa de ser detentor de todo o prestígio e enfrenta uma perda de credibilidade, passando a se acomodar em torno de organizações, comunidades, estruturas transnacionais. Decorre que isso minou a confiança nos estados nacionais como fontes identitárias e as próprias "territorialidades estão em fluxo", portanto, há uma crise em relação a poderes legítimos.¹¹ Contudo, ao mesmo tempo em que as fronteiras nacionais parecem ter deixado de fazer sentido para determinados grupos e pessoas, também o contrário se evidencia, com a forte ênfase na identidade. Isto pode ser percebido em grupos e pessoas que promovem uma identidade patriótica exacerbada, com o culto ao nacionalismo, por exemplo.¹²

O terceiro modo de compreensão apresentado por Moreira tem relação com os aspectos culturais, mais precisamente com a própria globalização enquanto um fenômeno cultural capaz de gerar novos sistemas culturais.¹³ Nessa perspectiva, tomando como base a literatura, por exemplo, "surtem diversas maneiras de hibridização ou crioulização em que os significados de bens, informações e imagens de origem externa são retrabalhados, sincretizados e fundidos com tradições culturais e formas de vida já existentes".¹⁴ Entretanto, ao mesmo tempo em que as mestiçagens e hibridismos resultam desse fenômeno, Martino aponta que "o fundamentalismo e mesmo a violência contra o diferente também podem ser consequências extremas dessa relação e de uma visão de mundo"¹⁵ Essa perspectiva cultural da globalização também é trabalhada por Berger, quando aponta para uma característica da cultura global: a forte ênfase na individualização. Segundo

⁹ MOREIRA, 2008, p. 19.

¹⁰ MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2014, p. 102.

¹¹ MOREIRA, 2008, p. 19.

¹² MARTINO, 2014, p. 102.

¹³ MOREIRA, 2008, p. 20.

¹⁴ MOREIRA, 2008, p. 20.

¹⁵ MARTINO, 2014, p. 103.



Berger, "todos os setores da emergente cultura global defendem a independência do indivíduo em relação à tradição e à coletividade".¹⁶

A quarta perspectiva sobre a globalização trabalha sobre a "interpenetração de causalidades múltiplas, socioeconômicas, políticas e culturais no processo de globalização".¹⁷ Aqui, o conceito é pensado no plural dentro dessas perspectivas. Contudo, há de se enfatizar o tema da globalização cultural, que sustenta o surgimento de uma cultura internacional a partir do mercado popular e cultural de massa. Desse modo, há uma cultura particular e nacional, mas que interage com o exterior. Um dos fatores que condicionaram e possibilitaram esse diálogo foi a expansão midiática. Moreira denomina isso de "sistema midiático-cultural".¹⁸

Moreira conclui sua exposição sobre as diferentes compreensões, apontando para a dimensão das transformações, que não ficam restritas aos âmbitos econômicos, políticos e sociais, "mas ao próprio âmbito da intimidade, da identidade e da autoimagem das pessoas".¹⁹ No meio dessas transformações também está a própria relação das pessoas com o sagrado, com a religião e, claro, com as instituições religiosas, no caso, as igrejas.

A religião frente à Globalização

O mundo é visto hoje como um *lugar*, um todo, mas que possui respectivos nichos, espaços com suas civilizações e "complexas redes de relações" dos mais diferentes âmbitos, como competição, compromissos, discordâncias e conflitos. Dentro deste "mundo" ou sistema, não há mais instâncias que possuam o "controle efetivo ou final por parte de alguma de suas unidades, pessoas, nações e o sistema de estados-nações". Nesse processo, a religião surge como uma instituição diferenciada, capaz de "recombinar-se com outras instituições" e também fornecer respostas diante de problemas de identidade.²⁰ Para Ortiz, isso fica evidente em face ao grande

¹⁶ BERGER, Peter. A DINÂMICA CULTURAL DA GLOBALIZAÇÃO. In: BERGER, Peter; HUNTINGTON, Samuel P. (Org.) *Muitas globalizações*. Rio de Janeiro. Record, 2004, p. 19.

¹⁷ MOREIRA, 2008, p. 21.

¹⁸ MOREIRA, 2008, p. 21.

¹⁹ MOREIRA, 2008, p. 22.

²⁰ MOREIRA, 2008, p. 21.



potencial agregador da religião, isto é, sua capacidade de criar laços e vínculos identitários; nas palavras do autor, “toda a religião é, portanto, um lugar de memória e de identidade”.²¹

Um segundo aspecto, que conecta a religião e a globalização, está na questão histórica e estrutural que aponta para o processo de mundialização ter como precursor o próprio Ocidente. A religião, e nesse caso, o cristianismo, surge como um influenciador de mercado, técnicas, ciências e culturas a partir do século XVI, pois “o mundo moderno assumiu uma compreensão básica do judeo-cristianismo: a de que homens e mulheres têm um direito e mesmo um dever de mudar o mundo”²², isto é, que os seres humanos e o mundo não estão concluídos, muito menos são “entidades sagradas ou intocáveis”; ao contrário, precisam “ser construídas ou ‘configuradas’ segundo as necessidades humanas (e a vontade de Deus)”²³. A consequência disso foi um Ocidente com atitude dessacralizadora, com viés colonialista e conquistador.²⁴ De acordo com André Coelho, a dimensão expansionista não ficou restrita apenas ao aspecto econômico e territorial, mas também foi ao encontro das diferentes culturas e expressões religiosas. Na esteira da globalização, por exemplo, são percebidas “aproximações do budismo em território indiano e do cristianismo e islamismo em toda a parte do mundo”. Portanto, é possível apontar para um viés da globalização em termos religiosos.²⁵

Ainda que sociólogos clássicos como Marx, Comte e Weber tenham apontado a era pré-moderna como o ápice para a religião e que ela “não poderia ser uma instituição performativa para o mundo moderno”, hoje entende-se que sua influência diminuiu no aspecto macro, porém permanece a nível microssocial, pois segue como uma fonte de significados e símbolos que auxiliam as pessoas a orientarem suas vidas, mesmo em um mundo tão complexo e marcado pelas constantes mudanças.²⁶

²¹ ORTIZ, Renato. ANOTAÇÕES SOBRE RELIGIÃO E GLOBALIZAÇÃO. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 59-74, out. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092001000300004>. Acesso em: 12 jan. 2023. p. 66.

²² MOREIRA, 2008. p. 22.

²³ MOREIRA, 2008, p. 22.

²⁴ MOREIRA, 2008, p. 21.

²⁵ COELHO, André Magalhães. GLOBALIZAÇÃO E AS NOVAS FORMAS DE RELIGIÃO PARA UM NOVO DESPERTAR DE SENTIDOS. *Último Andar*, [S.L.], n. 31, p. 220, 5 mai 2018. Pontifical Catholic University of Sao Paulo (PUC-SP). <http://dx.doi.org/10.23925/1980-8305.2018v1i1p220-233>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/37251>. Acesso em: 12 jan. 2023. p. 222.

²⁶ MOREIRA, 2008, p. 23.



O fim da religião, que permeou diversos debates entre ciência e religião, não aconteceu, mas, sim, o fim do monopólio religioso, diante de uma sociedade desencantada, secularizada e a perda da religião como um elemento de orientação da sociedade. Contudo, o fim desse monopólio permitiu a pluralidade e a diversidade religiosa, tanto a nível individual quanto coletivo. De todo modo, antes de uma sociedade sem religião, a “sociedade moderna, na sua estrutura, é multirreligiosa”.²⁷ Mesmo na esfera privada da vida, a religião permanece ligada à experiência de vida das pessoas. Por isso, Moreira conclui:

De todo modo parece ser consenso que a persistência religiosa significa que a modernidade não conseguiu resolver ou acabar com as questões religiosas. Na verdade, a religião nunca desapareceu do horizonte, foram as ciências sociais que mudaram seu foco de atenção para outros temas, porque estavam dominadas por pressupostos epistemológicos que viam a religião como resquíio de um mundo destinado a desaparecer.²⁸

O lugar da religião na Globalização

Moreira apresenta quatro lugares e visões sobre o futuro da religião no contexto do mundo globalizado, que partem principalmente da valorização da cultura como ponto de partida para a análise. A primeira visão destacada é a continuidade da religião. Nesse sentido, a religião é fonte de referências na construção de identidades, sendo “fundamental para os indivíduos e camadas afetados pelo relativismo cultural, próprio da interação global”.²⁹ Aliás, a própria ordem global desencadeou, segundo Geertz, uma série de conflitos de ordem religiosa a partir das migrações, tendo como consequência, por exemplo, o “ressurgimento do fundamentalismo”.³⁰ O fundamentalismo é a resposta de determinados grupos ou instituições perante uma realidade marcada pela pluralidade cultural e religiosa. A intenção é a defesa de identidades e padrões religiosos de novos conceitos e formas religiosas.³¹ Isso evidencia o caráter social relevante da religião em determinados grupos.³² Nesse sentido, a continuidade da religião

inclui as formas fundamentalistas da religião e aquelas onde parece existir um paralelismo de dois mundos que não se falam: a religião assume e utiliza a modernidade tecnológica, mas não incorpora a modernidade política e cultural, a autonomia do indivíduo e a mentalidade secular. Este parece ser o caso dos extratos

²⁷ ORTIZ, 2001, p. 62.

²⁸ MOREIRA, 2008, p. 23.

²⁹ MOREIRA, 2008, p. 24.

³⁰ GEERTZ, Clifford. O futuro das religiões. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 de maio de 2006. Caderno *Mais!*, p. 10. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1405200614.htm> Acesso em: 20 jan 2022.

³¹ COELHO, 2018, p. 228.

³² MOREIRA, 2008, p. 24.



intelectualizados da Índia high-tech, que persistem em suas religiões milenares. Ou do neopentecostalismo, que utiliza sem problemas magia e alta tecnologia.³³

Contrapondo a ideia de continuidade, a segunda visão sobre o futuro da religião aponta justamente para o contrário, o seu fim. Diante de uma sociedade cada vez mais globalizada, secular e “dominada pela racionalidade tecnológica e pragmática”³⁴, a religião encontraria sua total decadência. Dentro dessa perspectiva, há o reconhecimento de que os ritos, mitos e crenças “ajudaram a estruturar as sociedades agrárias e tradicionais, mas não têm mais nenhuma função numa sociedade pós-industrial”.³⁵ De fato, esteve presente nas discussões sociológicas e científicas a ideia de que a religião fizesse parte do passado diante da ciência, da técnica e da secularização que avançavam rapidamente. Porém, segundo Ortiz, estruturalmente a sociedade moderna é multirreligiosa; por isso, a secularização e, conseqüentemente, a quebra do monopólio religioso não se traduzem no declínio da religião, mas, nas palavras do autor, “sua quebra significa justamente pluralidade, diversidade religiosa, seja do ponto de vista individual, seja coletivo.”³⁶ Nessa mesma direção, Gabatz afirma que “o avanço da modernidade não produziu, na verdade, uma menor presença da religião, mas outra forma de dinâmica religiosa.”³⁷

Uma terceira teoria compreende a religião num processo em que está sendo substituída ou transformada. Nessa perspectiva, a religião preserva-se como uma categoria sociocultural, mas, além disso, adotou características que determinam uma identidade coletiva dentro de um contexto social, como algo consumido pelas pessoas. Ainda dentro dessa perspectiva, há a compreensão, a partir de Hervieu-Léger, de que as instituições religiosas estão em decadência, mas o “religioso” está em movimento.³⁸ A ideia do movimento religioso, ou sua constante transformação a partir do contato com outras religiões e tradições, também é apontada por Bobsin. O autor trabalha a questão da transversalidade, quando “aspectos de uma religião são disseminados em outros

³³ MOREIRA, 2008, p. 25.

³⁴ MOREIRA, 2008, p. 26.

³⁵ MOREIRA, 2008, p. 26.

³⁶ ORTIZ, 2001, p. 62.

³⁷ GABATZ, Celso; ZEFERINO, Jefferson. As Contribuições de Émile Durkheim para Compreender a Religião na Contemporaneidade. *Correlatio*, [S.L.], v. 16, n. 2, p. 339, 19 fev. 2018. Instituto Metodista de Ensino Superior. <http://dx.doi.org/10.15603/1677-2644/correlatio.v16n2p339-355>. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/view/8447>. Acesso em: 12 jan. 2023. p. 343.

³⁸ MOREIRA, 2008, p. 26.



fenômenos religiosos. Mesmo que não ocorra crescimento numérico, cresce a sua influência. Fragilizam-se as fronteiras e decresce a ‘fidelidade’ a uma Igreja ou religião.”³⁹

Por fim, a última visão sobre o futuro da religião destacada por Moreira é a posição de Peter Beyer, que sustenta a impossibilidade de afirmar a manutenção da religião, sua transformação ou desaparecimento. Sua tese defende que há muitos fatores incertos e condições, como a modernização e globalização, que interferem nos rumos da religião. Diante disso, ele aposta na religião defendendo seu status de fonte cultural, ou, de todo modo, buscando afirmar sua visibilidade e influência.⁴⁰ Sobre isso, Moreira afirma que

Esta compreensão enfatiza que as religiões podem estar cumprindo funções ou ocupando lugares diferentes na Europa, América Latina, África ou Ásia, conforme sua inserção ou adaptação aos contextos sociais cambiantes. Isto quer dizer que a globalização tanto pode dificultar ou punir formas religiosas como favorecer e “premiar” a expansão de determinadas propostas religiosas mais adaptadas.⁴¹

Mudanças na religião e os desafios para a Teologia Prática

Como se pode perceber, o campo religioso não ficou imune às transformações da globalização. Para apontar, de forma sintética, as diferentes mudanças no campo da religião, tomamos como base o texto de Moreira, pois ele aborda algumas dessas mudanças que já são percebidas, mas também como podem ter impacto de curto e longo prazo, tanto de forma profunda quanto leviana, sempre de acordo com cada contexto. Entre essas mudanças, há algumas que ele considera “duradouras”, sendo elas: “A religião e a ordem global se interpenetram”; portanto, tanto a religião sofre a influência da globalização, como também é um fator importante do processo. Nesse caso, há o exemplo da América Latina, em que a religião se demonstra um importante fator de transformação social, se tomarmos como base, por exemplo, a Teologia da Libertação e os movimentos sociais; “Proximidade de fronteiras entre sistemas simbólicos – o outro, o exótico e diferente, não está mais distante, pode conviver ao lado.”⁴² Decorre disso, também, a “Hibridização

³⁹ BOBSIN, Oneide. Tendências religiosas e transversalidade: hipóteses sobre a transgressão de fronteiras. In: BOBSIN, Oneide; SALDANHA, Marcelo Ramos (org.). *Ciências da Religião: uma hóspede impertinente*. São Leopoldo: Faculdades Est, 2020. p. 153.

⁴⁰ MOREIRA, 2008, p. 27.

⁴¹ MOREIRA, 2008, p. 27

⁴² MOREIRA, 2008, p. 28.



de práticas religiosas”, quando há uma troca entre elementos simbólicos, ressignificações ou até “homogeneização de elementos, gostos e comportamentos.”⁴³

São mudanças duradouras ainda: o “Pluralismo religioso”, retratado por uma diversidade de ofertas religiosas; o “Desenvolvimento de identidades particulares”, podendo significar o fortalecimento de ideias fundamentalistas, por se tratar de uma forma de preservação identitária em face de uma crise dos sistemas de identificação tradicionais; “As religiões se tornaram um objeto flutuante”, isto é, estão distantes de seus contextos de origem, espalhadas pelos mais diferentes espaços; “Religião da escolha do indivíduo”, com isso, as instituições religiosas deixaram de exercer autoridade sobre as pessoas, enquanto estas possuem autonomia “na montagem dos seus próprios sistemas religiosos.”⁴⁴ Além disso, há o “Deslocamento do religioso”, quando “instituições sociais assumem funções das igrejas no campo cultural, principalmente o complexo midiático-cultural, que envolve televisão, internet, cinema, literatura, esporte, publicidade.” Moreira complementa:

Estas instituições produzem símbolos, sentido, crenças, explicações sobre o real e figuras para a imitação, a fidelidade e mesmo a devoção das pessoas. Para mim este é um traço fundamental da atual situação do religioso: a religião não deve ser procurada mais apenas nas igrejas, templos e terreiros, onde ela se tematiza explicitamente, mas também lá onde ela não se chama religião. O religioso se desloca, desborda, extravasa, migra do que era tido tradicionalmente como o “próprio” do religioso: o espaço, o tempo e os modos de sua manifestação. Exemplo: o culto dos santos foi para os ídolos; o encantamento, para a estética e a alta tecnologia etc.⁴⁵

Outras duas mudanças estão na “Disputa pela interpretação”, ou seja, na busca pela legitimidade das instituições que procuram dar uma explicação e sentido dentro de determinado sistema religioso, e na “Crise de assimilação das próprias religiões”, em que a grande demanda diante das informações e das transformações em alta velocidade exige respostas pastorais; contudo, as comunidades religiosas não conseguem acompanhar o ritmo, e resulta que “a maioria não consegue chegar a um acordo sobre o que pode ou não ser absorvido, o que deve ser mantido ou rejeitado”, o que pode favorecer tendências fundamentalistas.⁴⁶

Por fim, duas últimas alterações muito importantes são a “Midiatização do religioso” e a “Espiritualidade sem religião”. Da primeira, destaca-se que a mídia, detentora de uma linguagem e lógica próprias, possui uma capacidade de alcançar as pessoas e “já é a maior fonte de informações

⁴³ MOREIRA, 2008, p. 28

⁴⁴ MOREIRA, 2008, p. 29.

⁴⁵ MOREIRA, 2008, p. 30.

⁴⁶ MOREIRA, 2008, p. 30.



sobre a religião”⁴⁷. Desse modo, assim como missas, cultos e transmissões de festas religiosas podem gerar “um sentimento vago de pertencimento a ‘uma comunidade ampla de fé’⁴⁸, também a mídia pode explorá-las comercialmente, através de produções cinematográficas, por exemplo; portanto, servindo como um meio de socialização religiosa. É nessa direção que Hjarvard, em suas pesquisas sobre a midiaticização da religião, indica que “os meios de comunicação atuam como distribuidores de três modalidades de religião – mídia religiosa, jornalismo religioso e religião banal –, as quais diferem entre si pelo conteúdo, pelo controle da comunicação e pela formatação dos assuntos religiosos.”⁴⁹ Em relação à espiritualidade sem religião, Moreira detém-se a uma forma de religiosidade que preserva o ideário ético e espiritual das religiões, mas com novos formatos, como em pequenos grupos. Neste ponto, “parece estar surgindo por toda parte espiritualidades sem igrejas, sem templos e liturgias, sem hierarquias e sem grandes aparatos organizativos.”⁵⁰

Diante de um contexto religioso em transformação e de uma sociedade globalizada, é uma consequência natural que venham os desafios para a teologia. É nesse sentido que Coelho, ao abordar essa nova cultura global e suas transformações no campo religioso, aponta o “desafio para teólogos/teólogas e cientistas da religião para a produção e análise de novas abordagens para um mundo cada vez mais plural e híbrido no seu sentido cultural e religioso.”⁵¹ Exatamente por isso, pensar a teologia prática, em face das mudanças contemporâneas, é fundamental para a própria teologia.

Definindo a Teologia Prática: multivalente

Definir o que é a Teologia Prática é, por si só, um grande desafio. De certo modo, é uma área com tamanha abrangência que apenas uma definição seria restritiva demais, mas o que não faltam são tentativas de definições que procuram responder com a maior simplificação possível ou de forma mais ampla possível. McLemore, nesse sentido, afirma que, quando questionada por colegas e estudantes: “Afinal, o que é teologia prática?”, responde: “Essa não é uma questão

⁴⁷ MOREIRA, 2008, p. 31.

⁴⁸ MOREIRA, 2008, p. 31.

⁴⁹ HJARVARD, Stig. *A midiaticização da cultura e da sociedade*. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2014, p. 134 – 135.

⁵⁰ MOREIRA, 2008, p. 31.

⁵¹ COELHO, 2018, p. 223.



simples. A teologia prática não é uma categoria de fácil definição.”⁵² Aliás, entre as muitas tentativas de definição, Ganzevoort chama a Teologia Prática de guarda-chuva. Debaixo dela cabem os mais diferentes tipos de “definições, abordagens, temas, motivos e objetos de estudo”; portanto, uma área capaz de abrir-se a mais diferentes possibilidades.⁵³

É por isso que Lothar Hoch descreve a “Teologia Prática numa atitude de busca.”⁵⁴ Pois a grande diversidade das práticas pastorais encontradas no solo latino-americano, além das demandas por posicionamentos que vão para outras áreas de conhecimento, exige uma teologia em constante diálogo com a realidade e atualização. Para isso, “precisamos de conhecimentos oriundos não só das outras disciplinas teológicas, como também de conhecimentos sociológicos e psicológicos que a abordagem de uma temática requer.”⁵⁵

Outro aspecto relevante na procura por uma definição é a constatação de que a Teologia Prática que os seminários e faculdades ensinam e praticam é diferente daquela vivida e praticada nas comunidades. Além disso, a própria nomenclatura da área não é bem definida. Fala-se em Teologia Prática, Teologia Pastoral, Teologia Aplicada; há uma ausência de clareza em torno da disciplina.⁵⁶ Nesse mesmo sentido, McLemore, falando a partir de seu contexto, também aponta para uma disciplina que está “numa persistente crise de identidade” e, como consequência, resulta nas mais diferentes designações: “teologia prática, teologia pastoral, psicologia pastoral, religião.”⁵⁷

A mesma autora, porém, também vai apresentar uma compreensão distinta em relação aos termos usados como correspondentes: a teologia prática e teologia pastoral. Para ela, ambos os termos “designam empreendimentos acadêmicos distintos.”⁵⁸ Isto porque, no contexto

⁵² MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. Cinco mal-entendidos sobre a teologia prática. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v.56, n.2, p.204-226, dez. 2016. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/719/632>. Acesso em: 20 jun. 2022. p. 217.

⁵³ GANZEVOORT, R. Ruard. Encruzilhadas do caminho no rastro do sagrado: a Teologia Prática como hermenêutica da religião vivenciada. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 49, n. 2, p. 317-343, 2009. Disponível em: http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/91/85. Acesso em: 20 jun. 2022. p. 318.

⁵⁴ HOCH, Lothar Carlos. O lugar da Teologia Prática como disciplina teológica. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E. (Org.). *Teologia Prática no contexto da América Latina*. 3. ed. rev. e atual. São Leopoldo: Sinodal, 2011. p. 24.

⁵⁵ HOCH, 2011, p. 24 - 25.

⁵⁶ HOCH, 2011, p. 24.

⁵⁷ MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. Cinco mal-entendidos sobre a teologia prática. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v.56, n.2, p.204-226, dez. 2016. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/719/632>. Acesso em: 20 jun. 2022. p. 207.

⁵⁸ MILLER - MCLEMORE, 2016, p. 215.



estadunidense, a teologia pastoral pode ser definida como uma subdisciplina da teologia prática, que se dedica ao cuidado de pessoas. Essa é a razão pela qual McLemore chama atenção para o cuidado quanto à definição, e compreende que “enquanto a teologia prática é integrativa, preocupada com questões mais amplas do ministério, discipulado e formação, a teologia pastoral está centrada nas pessoas e no *pathos*.”⁵⁹

Mas a relação destoante entre a teologia acadêmica e a prática do ministério não é uma novidade. E foi justamente essa a grande razão do surgimento de uma disciplina que buscasse aproximar essa relação no século 19. Com o intuito de “estabelecer uma relação adequada entre a teologia acadêmica e a prática da fé”, a Teologia Prática foi colocada como nova disciplina no “estudo da Teologia, ao lado da Exegese, da História e da Dogmática.”⁶⁰ Por mais inusitado que possa parecer, o grande teólogo responsável pelo surgimento da disciplina, considerado o “Pai da Teologia Prática”, Friederich Schleiermacher, era contrário à existência de uma disciplina própria, pois, como teólogo protestante, partia da premissa “de que toda a teologia é por natureza prática.”⁶¹

Ainda assim, cabe ressaltar que o foco da teologia prática de Schleiermacher era se ocupar “com a técnica da condução e do aperfeiçoamento da vida da igreja”⁶²; com isso, voltou as atenções para as diferentes funções e questões normativas da hierarquia eclesiástica. Por isso, por mais que tenha reaproximado a teologia acadêmica da igreja, também acabou que a Teologia Prática tornou-se de certa forma refém da estrutura eclesiástica, pois foi colocada ao “risco de ficar atrelada à mesma.”⁶³ Nessa direção, Hoch destaca que

a necessidade de se criar uma disciplina teológica especial para recuperar a dimensão prática da teologia, depois de trezentos anos de protestantismo, por si só é um indicativo de que a própria Teologia se desviou de sua mais genuína vocação, a saber, de ser teologia prática. Ela se afastou do povo da igreja na base e passou a frequentar os círculos eruditos das universidades. A Teologia Prática surgiu para corrigir uma distorção.⁶⁴

Ainda que a busca por uma definição do termo esteja longe de ser alcançada, McLemore aponta para isso como algo positivo e que demonstra a ampla responsabilidade e complexidade que a Teologia Prática carrega. Assim sendo, propõe que enxerguemos a Teologia Prática de forma

⁵⁹ MILLER - MCLEMORE, 2016, p. 215 – 216.

⁶⁰ HOCH, 2011, p. 25.

⁶¹ HOCH, 2011, p. 26.

⁶² HOCH, 2011, p. 26.

⁶³ HOCH, 2011, p. 26 - 27.

⁶⁴ HOCH, 2011, p. 26.

multivalente, como um termo que é carregado e sobreposto por diferentes significados e capaz de ocupar “uma ampla variedade de espaços e lugares”. Em relação a essa multivalência, a autora complementa que

a teologia prática designa uma *atividade* de pessoas crentes que procuram sustentar uma vida de fé reflexiva no dia a dia, um *método* ou modo de analisar a teologia na prática usado por líderes religiosos e por docentes e estudantes em todo o currículo teológico, uma *área curricular* na educação teológica focada na prática ministerial e subespecialidades, e, por fim, uma *disciplina acadêmica* a que se dedica um subconjunto menor de pesquisadores e pesquisadoras para apoiar e sustentar esses três primeiros empreendimentos. Cada compreensão aponta para diferentes locais no espaço, da *vida diária* à *biblioteca* e do *trabalho de campo* à *sala de aula*, *congregação* e *comunidade*, e, finalmente, ao *grupo profissional de acadêmicos* e ao *contexto global*. As quatro compreensões estão conectadas e são interdependentes, não são mutuamente excludentes e refletem o alcance e a complexidade da teologia prática hoje.⁶⁵

Teologia Prática: novos desafios ou novas possibilidades?

Mesmo com a amplitude das definições e sua multivalência, a função da Teologia Prática é ser “consciência crítica da Igreja e da própria teologia, no sentido de lembrá-las da sua finalidade última: a prática eficaz da fé.”⁶⁶ Porém, ela só cumpre essa função específica quando está em sintonia “com as necessidades e anseios do mundo de hoje.” Isso significa estar em constante processo de análise e confronto com aquilo que é a “vida e a ação da Igreja diante dos desafios e das condições sócio-históricas do tempo atual.”⁶⁷ Nesse sentido, Adam traz o seguinte questionamento: se a “tarefa principal da teologia prática é pensar a ação e a vida da igreja, como fazer isso quando a igreja já não detém o monopólio de geradora e zeladora de sentido?”⁶⁸ Ganzevoort nos parece complementar esse questionamento, quando provoca que a Teologia Prática precisa responder às novas mudanças, por isso pergunta:

Como devemos nos posicionar frente aos contatos cada vez maiores além de nosso grupo religioso, os quais geralmente descrevemos com palavras como globalização, ecumenismo e multiculturalidade? Quais são os efeitos da secularização e da desinstitucionalização para uma disciplina que sempre teve a tendência a enfatizar a comunidade dos fiéis institucionalizada, comunidade essa que, em alguns contextos, está em declínio?⁶⁹

⁶⁵ MILLER - MCLEMORE, 2016, p. 218.

⁶⁶ HOCH, 2011, p. 35.

⁶⁷ HOCH, 2011, p. 35

⁶⁸ ADAM, Júlio César. Religião e culto em 3D: o filme Avatar como vivência religiosa e as implicações disso para a teologia prática. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v.50, n.1, p. 102-115, jan. 2010. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/46, p. 113.

⁶⁹ GANZEVOORT, 2009, p. 320.



Diante do reconhecimento das transformações sociais, culturais e religiosas, Ganzevoort procura algo que possa, mesmo em meio aos inúmeros questionamentos e caminhos da área, fornecer “um campo de consenso.” Para isso, sugere “que o campo de consenso pode ser encontrado na descrição da Teologia Prática como hermenêutica da religião vivenciada.”⁷⁰ Nesta concepção, o autor deixa claro que, independentemente da definição que estabelecermos, “a Teologia Prática tem a ver com religião.”⁷¹ A religião é compreendida como “padrões transcendentais de ação e significado que contribuem para a relação com o sagrado e nela estão inseridos.”⁷² Entretanto, o principal elemento dessa definição está na relação com o sagrado, que “implica um centro ao redor do qual nossa vida gravita, bem como uma presença que evoca reverência e paixão.”⁷³ Nesse mesmo sentido, Alzirinha Rocha de Souza aponta que o objeto da Teologia Prática “vai cada vez mais ao sentido crítico, hermenêutico e em perspectivas das práticas pelas quais o ser humano se realiza dentro da cultura em sociedades contemporâneas.”⁷⁴

A teologia se interessa pela relação com o sagrado e pelas experiências que resultam desse relacionamento. Por isso, Ganzevoort considera que a teologia “é a disciplina que discerne, descreve, interpreta, explica, avalia e ajuda a construir as maneiras pelas quais as pessoas falam sobre Deus – *theologia* –, e com Deus, e como vivenciam o ser-falado por Deus.”⁷⁵ Nas palavras do autor, “teologia é rastrear o sagrado,”⁷⁶ que hoje não se limita ao religioso explícito das igrejas, mas também procura pelo implícito.⁷⁷ É nesse sentido que Gräß também se refere a uma religião vivida, em que a Teologia Prática “não apenas pensa e zela pela vida da igreja, mas também compreende e interpreta a religião que está fora da vida da igreja, na cultura social e pessoal da contemporaneidade.”⁷⁸

⁷⁰ GANZEVOORT, 2009, p. 323.

⁷¹ GANZEVOORT, 2009, p. 321.

⁷² GANZEVOORT, 2009, p. 322.

⁷³ GANZEVOORT, 2009, p. 322.

⁷⁴ SOUZA, Alzirinha Rocha de. Teologia Pastoral e Teologia Prática, além da postura eclesial. *Revista de Cultura Teológica*, [S.L.], n. 91, p. 5, 7 jul. 2018. Pontifical Catholic University of Sao Paulo (PUC-SP).

<http://dx.doi.org/10.23925/rct.i91.36158>. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i91.36158>. Acesso em: 07 jul. 2022. p. 19.

⁷⁵ GANZEVOORT, 2009, p. 325.

⁷⁶ GANZEVOORT, 2009, p. 325.

⁷⁷ ADAM, J. C. RELIGIÃO VIVIDA E TEOLOGIA PRÁTICA: POSSIBILIDADES DE RELACIONAMENTO NO CONTEXTO BRASILEIRO. *Perspectiva Teológica*, [S. l.], v. 51, n. 2, p. 311, 2019. DOI: 10.20911/21768757v51n2p311/2019. Disponível em:

<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4133>. Acesso em: 27 jul. 2022, p. 316.

⁷⁸ GRÄB, Wilhelm. Sinn fürs Unendliche: Religion in der Mediengesellschaft. Gütersloh: Chr. Kaiser;



Dentro dessa perspectiva, a “teologia prática é especialmente boa em ‘interpretar situações’ ou em ser ‘teologia descritiva’.”⁷⁹ Para isso, ela busca, de forma interessada, outras disciplinas que possam dialogar e integrar a educação teológica, de forma que se criem “teias de conexão entre disciplinas e instituições teológicas em resposta à necessidade ministerial e social.”⁸⁰ Como aponta Susin, essa é uma das características que a globalização gerou ao conhecimento científico; estamos em um tempo de busca pela interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, em que “as diferentes áreas do saber, pelas bordas, se tocam e se entrecruzam. Isso inaugura uma nova etapa nas relações entre teologia, filosofia e ciências.”⁸¹ Esta também é a razão para Brakemeier, por exemplo, apontar que a “globalização significa, acima de tudo, enriquecimento mútuo,”⁸² e, se a tendência desta está no pluralismo⁸³, a Teologia Prática também precisa procurar novas formas de encarar a própria religião. Por isso,

em nosso mundo cada vez mais globalizado, poderíamos defender a necessidade de desenvolver uma Teologia Prática que não esteja confinada a uma religião específica, mas que procure compreender a relação com o sagrado em todas as suas formas e tradições. Já existem exemplos dessa visão mais abrangente nas áreas da poimênica, educação religiosa e estudos comparativos na Teologia Prática.⁸⁴

Dessa forma, retornamos à religião vivida, afinal, ela se interessa por aquilo que está além de determinadas instituições, concepções teóricas, tradições eclesiais e dogmáticas.⁸⁵ A religião vivida é uma forma de ler e perceber o sagrado e as expressões religiosas na vida das pessoas, no cotidiano e na cultura. Nesse sentido, Adam menciona que “sejam nas vivências cotidianas e pessoais, sejam em momentos especiais de comemoração ou de crises, nas relações diversas, no lazer e entretenimento, ou seja, fora da alçada da instituição religiosa, fora do culto, fora da própria esfera sagrada e fora da religião institucional,” são justamente os momentos dessa religião vivida.⁸⁶

Gütersloher Verlag, 2002 *apud* RIO, Marlon Machado Oliveira. 'Nos vemos on-line': diferentes vozes sobre a busca por Deus no cenário pandêmico brasileiro. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 60, n. 2, p. 610-626, 2020., p. 616. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/60/49>. Acesso em: 19 mar. 2021.

⁷⁹ MILLER - McLEMORE, 2016, p. 218.

⁸⁰ MILLER - McLEMORE, 2016, p. 219

⁸¹ SUSIN, L. C. FAZER TEOLOGIA EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO NOTA SOBRE MÉTODO EM TEOLOGIA. *Perspectiva Teológica*, [S. L.], v. 31, n. 83, p. 97, 1999. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/841>. Acesso em: 27 jul. 2022, p. 106.

⁸² BRAKEMEIER, Gottfried. Sabedorias da fé: num mundo confuso. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2014, p. 105.

⁸³ SUSIN, 1999, p. 101.

⁸⁴ GANZEVOORT, 2009, p. 330.

⁸⁵ ADAM J.C, 2019, p. 317.

⁸⁶ ADAM J.C, 2019, p. 317.



Diferente do que possa parecer, a religião vivida não é algo novo. A história demonstra diferentes momentos em que a vivência religiosa das pessoas era distinta daquela promovida e definida como a religião oficial.⁸⁷

As concepções atuais não são diferentes, afinal, “muito do que acontece hoje no cenário religioso atual escapa às concepções usuais de religião.” Por isso, Gabatz defende a necessidade de “uma análise mais aprofundada e abrangente para dar conta da realidade que se apresenta.”⁸⁸

Teologia prática, religião vivida e globalização: pontos de conexão

O estudo da religião, e, claro, a teologia “trabalha com três tipos de materiais, com três abordagens”: o texto sagrado; *a ideia*, conceitos e doutrinas; e, por fim, “a *práxis*, ou religião vivenciada, as ações e os significados operantes nas maneiras em que as pessoas vivem, interação e se relacionam com o divino.”⁸⁹ A Teologia Prática tem como foco essa práxis, sempre analisando e buscando reflexão também nas outras áreas.⁹⁰

A Teologia Prática parece ser a disciplina vocacionada a lidar com a contemporaneidade, principalmente quando tomamos como base a necessidade de um diálogo interdisciplinar. A busca por outras áreas do conhecimento é uma das características da Teologia Prática, o que a torna um grande guarda-chuva que abriga diferentes discussões e dialoga com variadas áreas do saber. O mundo globalizado “caracteriza-se por suas referências multiculturais, pela diversidade e pluralidade.”⁹¹ Além disso, este mundo está em constante movimento, no qual os contatos, os choques e as fragmentações impulsionam novas experiências, principalmente individuais, gerando o enfraquecimento das comunidades tradicionais.⁹²

Diante de todas as problemáticas, um recurso importante para a Teologia Prática está em procurar uma nova forma de ler as práticas religiosas da contemporaneidade. Nesse ponto, a hermenêutica da religião vivida surge como uma alternativa. Enquanto hermenêutica, a religião vivida se arrisca a “pensar a religião e a Teologia para além do que se padronizou como um sistema

⁸⁷ ADAM J.C., 2019, p. 319.

⁸⁸ GABATZ, Celso. Religião e multiculturalismo: o diálogo como categoria central na teologia contemporânea. *Revista de Cultura Teológica*. Ano XXIII, n. 86, p. 231- 250, Jul/Dez 2015, p. 233.

⁸⁹ GANZEVOORT, 2009, p. 323.

⁹⁰ GANZEVOORT, 2009, p. 322 - 323.

⁹¹ GABATZ, 2015, p. 234.

⁹² SUSIN, 1999, p. 103.



ou uma verdade.”⁹³ Tomar a religião vivida como princípio é fundamental, especialmente se pensarmos, conforme Prandi, que

A cultura muda. A religião muda. No mundo contemporâneo, em seu lado ocidental, se a religião não acompanha a cultura, fica para trás. Ainda tem fôlego para interferir na cultura e na sociedade, sobretudo na normatização de aspectos da intimidade do indivíduo – especialmente pelo fato de ser religião –, mas seu sucesso depende de sua capacidade de mostrar ao fiel potencial o que ela pode fazer por ele. Dotando-o, sobretudo, dos meios simbólicos para que a vida possa fazer algum sentido e se tornar, subjetiva ou objetivamente, mais fácil de ser vivida, sem que se tenha de abandonar o que de bom este mundo oferece.⁹⁴

Se o mundo globalizado provoca uma ruptura no campo religioso tradicional, as designações e definições dogmáticas já não têm mais o mesmo sentido de quando foram estabelecidas. Frente a isso, a hermenêutica da religião vivida aparece como “uma forma imprescindível para entender a sociedade, a cultura, o ser humano e suas formas e jeitos de vivenciar e compreender a vida, bem como o papel da religião nesse exercício de viver.”⁹⁵

Porém, apenas uma nova forma de ler a *práxis* religiosa não faz com que a Teologia Prática dê por encerrada sua tarefa. Por isso, ela deve levar a reflexão resultante das observações do cotidiano e dos desafios que encontra às demais áreas da teologia (a Bíblica e a Sistemática). Como disciplina acadêmica e diante de sua potencialidade interdisciplinar, ela “alimenta a teologia com a reflexão própria que faz no *front* da igreja e da sociedade.”⁹⁶ Nesse sentido, Hoch enfatiza que “o método da Teologia Prática é determinado pela sua autocompreensão como disciplina que transita entre os limites.”⁹⁷

Além disso, no objetivo de cumprir sua tarefa, a Teologia Prática faz uso de “todos os recursos metodológicos e de análise da realidade que as ciências colocam ao seu alcance.”⁹⁸ É nesse constante diálogo com as demais áreas teológicas e interdisciplinares que a Teologia Prática contribui para que a Teologia mantenha sua relevância e atualidade, respondendo às experiências religiosas vividas pelas pessoas no cotidiano. Ademais, a Teologia Prática pode indicar a

⁹³ ADAM J.C, 2019, p. 320.

⁹⁴ PRANDI, Reginaldo. Converter indivíduos, mudar culturas. *Tempo Social*, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 155-172, nov. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-20702008000200008>. p. 170.

⁹⁵ ADAM J.C, 2019, p. 325.

⁹⁶ HOCH, 2011, p. 34.

⁹⁷ HOCH, Lothar Carlos. Reflexões em torno do método da Teologia Prática. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E. (org.). *Teologia Prática no contexto da América Latina*. 3. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2011. Cap. 3. p. 70.

⁹⁸ HOCH, 2011b, p. 62.



necessidade de repensar a formação teológica, buscando, através de novas metodologias, atualizar a formação também daquelas pessoas que irão trabalhar em instituições tradicionais.

Considerações finais

A globalização traz em sua bagagem uma série de impactos para a sociedade, economia e cultura. Além disso, as formas tradicionais de religiosidade sentem o impacto de um mundo hiperconectado, em que se percebe uma diluição das fronteiras. No presente artigo, procurou-se sintetizar a análise de Alberto da Silva Moreira em relação ao futuro da religião nesse mundo global. Diante de suas considerações, foi possível perceber os diferentes desafios que se colocam para as religiões. Contudo, destacou-se que as formas tradicionais são enfraquecidas ou recaem na segurança dos fundamentalismos como forma de resistência e de reafirmação de suas verdades. O cristianismo, por sua vez, como uma dessas religiões tradicionais, de modo geral, possui nas igrejas o espaço vivencial da fé e também se depara com esses desafios. Porém, dentro dos seminários e da academia teológica cristã, encontra-se uma dimensão que se ocupa em trabalhar frente aos desafios da contemporaneidade: a Teologia Prática.

A Teologia Prática possui, entre suas tarefas, a de perceber a realidade à sua volta, as relações com o sagrado e devolver questionamentos para o debate teológico acadêmico. Nesse sentido, diante de perguntas que não são respondidas claramente por formulações dogmáticas engessadas, presas ao passado, ou pela constatação de que determinadas formas não atendem mais aos anseios de sentido de uma comunidade de fé, a Teologia Prática se dispõe a buscar relevância através da reflexão e do diálogo.

Para cumprir sua tarefa, a Teologia Prática não se acanha em procurar o diálogo com outras disciplinas e áreas que possam contribuir para a *práxis* da experiência religiosa. Esta também é uma marca da globalização: o constante contato entre áreas do conhecimento. Além disso, torna-se necessária uma concepção ampla de religião, pois as formulações tradicionais não contemplam suficientemente o vasto campo religioso contemporâneo. Para isso, a concepção da religião vivida torna-se um fator importante para abordar a temática do sagrado em tempos de diluição de fronteiras e tradições. Faz-se necessária a busca por uma nova perspectiva hermenêutica que contribua para a análise religiosa cotidiana. Assim, na hermenêutica da religião vivida, a Teologia



Prática encontra uma importante ferramenta para enriquecer o debate teológico acadêmico e também o das próprias instituições tradicionais.

Importa, ao final de toda essa reflexão, que também as demais áreas do conhecimento teológico reconheçam a legitimidade da Teologia Prática e aproveitem suas constatações para seu próprio fazer teológico, ou seja, busquem constantemente o diálogo com aquilo que é vivido pelo ser humano no cotidiano, em seus anseios, em suas experiências religiosas e em sua cultura.

Referências

ADAM, J. C. RELIGIÃO VIVIDA E TEOLOGIA PRÁTICA: POSSIBILIDADES DE RELACIONAMENTO NO CONTEXTO BRASILEIRO. *Perspectiva Teológica*, [S. l.], v. 51, n. 2, p. 311, 2019. DOI: 10.20911/21768757v51n2p311/2019. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4133>. Acesso em: 27 jul. 2022.

ADAM, Júlio César. Religião e culto em 3D: o filme Avatar como vivência religiosa e as implicações disso para a teologia prática. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v.50, n.1, p. 102-115, jan. 2010. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/46. Acesso em: 07 jul 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**. As consequências humanas. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1998.

BERGER, Peter. A DINÂMICA CULTURAL DA GLOBALIZAÇÃO. In: BERGER, Peter; HUNTINGTON, Samuel P. (Org.) **Muitas globalizações**. Rio de Janeiro. Record, 2004, p. 11 – 27.

BOBSIN, Oneide. Tendências religiosas e transversalidade: hipóteses sobre a transgressão de fronteiras. In: BOBSIN, Oneide; SALDANHA, Marcelo Ramos (org.). **Ciências da Religião: uma hóspede impertinente**. São Leopoldo: Faculdades Est, 2020. p. 146-171.

BRAKEMEIER, Gottfried. **Sabedorias da fé**: num mundo confuso. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2014. 149 p

COELHO, André Magalhães. GLOBALIZAÇÃO E AS NOVAS FORMAS DE RELIGIÃO PARA UM NOVO DESPERTAR DE SENTIDOS. *Último Andar*, [S.L.], n. 31, p. 220, 5 maio 2018. Pontifical Catholic University of Sao Paulo (PUC-SP). <http://dx.doi.org/10.23925/1980-8305.2018v1i1p220-233>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/37251>. Acesso em: 12 jan. 2023.



GABATZ, Celso. Religião e multiculturalismo: o diálogo como categoria central na teologia contemporânea. **Revista de Cultura Teológica**. Ano XXIII, n. 86, p. 231- 250, Jul/Dez 2015.

GABATZ, Celso; ZEFERINO, Jefferson. As Contribuições de Émile Durkheim para Compreender a Religião na Contemporaneidade. **Correlatio**, [S.L.], v. 16, n. 2, p. 339, 19 fev. 2018. Instituto Metodista de Ensino Superior. <http://dx.doi.org/10.15603/1677-2644/correlatio.v16n2p339-355>. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/view/8447>. Acesso em: 12 jan. 2023.

GANZEVOORT, R. Ruard. Encruzilhadas do caminho no rastro do sagrado: a Teologia Prática como hermenêutica da religião vivenciada. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 49, n. 2 , p. 317-343, 2009. Disponível em: http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/91/85. Acesso em: 20 jun. 2022.

HOCH, Lothar Carlos. O lugar da Teologia Prática como disciplina teológica. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E. (Org.). **Teologia Prática no contexto da América Latina**. 3. ed. rev. e atual. São Leopoldo: Sinodal, 2011. p. 23-35.

HOCH, Lothar Carlos. Reflexões em torno do método da Teologia Prática. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E. (org.). **Teologia Prática no contexto da América Latina**. 3. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2011. Cap. 3. p. 59-71.

KROTZ, Friederich. **The Metaprocess “Mediatization” as a conceptual Frame**. *Global Media and Communication* 3, 2007, p. 256 – 260

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2014. p. 99 – 107.

MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. Cinco mal-entendidos sobre a teologia prática. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v.56, n.2 , p.204-226, dez. 2016. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/719/632>. Acesso em: 20 jun. 2022

MOREIRA, Alberto da Silva. O Futuro da Religião no Mundo Globalizado: Painel de um Debate. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias. (Org.) **O Futuro da Religião na Sociedade Global**. Uma Perspectiva Multicultural. Goiânia: Paulinas/UCG, 2008, p. 17-35.

ORTIZ, Renato. ANOTAÇÕES SOBRE RELIGIÃO E GLOBALIZAÇÃO. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 59-74, out. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092001000300004>. Acesso em: 12 jan. 2023.

PRANDI, Reginaldo. Converter indivíduos, mudar culturas. **Tempo Social**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 155-172, nov. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-20702008000200008>.



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

22

RIO, Marlon Machado Oliveira. 'Nos vemos on-line': diferentes vozes sobre a busca por Deus no cenário pandêmico brasileiro. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 60, n. 2, p. 610-626, 2020. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/60/49>. Acesso em: 19 mar. 2021.

SOUZA, Alzirinha Rocha de. Teologia Pastoral e Teologia Prática, além da postura eclesial. **Revista de Cultura Teológica**, [S.L.], n. 91, p. 5, 7 jul. 2018. Pontifical Catholic University of Sao Paulo (PUC-SP). <http://dx.doi.org/10.23925/rct.i91.36158>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i91.36158>. Acesso em: 07 jul. 2022.

SUSIN, Luiz Carlos. FAZER TEOLOGIA EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO NOTA SOBRE MÉTODO EM TEOLOGIA. **Perspectiva Teológica**, [S. L.], v. 31, n. 83, p. 97, 1999. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/841>. Acesso em: 27 jul. 2022.